

## MEMÓRIAS DE FREI POLYCARPO SCHUHEN

Frei Polycarpo, filho de Johannes e de Christina Schuhen, nasceu a 17 de outubro de 1873, em Recklinghausen – Alemanha. A 20 de setembro de 1891 ingressou na Ordem Franciscana, fazendo o noviciado na Holanda. Como frade recebeu o nome de Polycarpo. Após o noviciado prosseguiu os estudos de teologia, filosofia e retórica. Desejando ser missionário no Brasil, recebeu a ordenação sacerdotal no dia 28 de maio de 1899, mesmo antes de completar os estudos.

Em companhia de onze confrades, desembarcou na Bahia no dia 20 de julho de 1899. Exerceu seu ministério como confessor, professor, pregador e pároco. Além de outros lugares, permaneceu mais tempo em: Rodeio-SC (16 anos em quatro vezes), onde fundou a Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas. Blumenau-SC (3 anos), Gaspar-SC (2 anos), Santo Amaro da Imperatriz-SC (3 anos), Não-me-Toque-RS (6 anos), União da Vitória -PR (6 anos).

Em União da Vitória foi vítima do assalto de dois homens mascarados que entraram por uma janela na casa paroquial, na madrugada de 22 de agosto de 1939, a fim de levarem o dinheiro de uma festa que rendera uma significativa soma, em prol da construção da igreja matriz de União da Vitória. O dinheiro, porém, estava depositado no banco, mas dinheiro algum pagaria a vida de Frei Polycarpo. Seu hóspede gritou por socorro. Chegaram vizinhos, médicos, e foram avisar os franciscanos do convento em Porto União. “Os médicos deram algumas injeções e o moribundo relatou o caso; recebeu ainda os últimos sacramentos e entre piedosas jaculatórias, Frei Polycarpo entregou sua alma a Deus às 4h00 da manhã. Assim desapareceu um missionário franciscano zelozíssimo durante todo o tempo de seu sacerdócio, um madrugador e bom pastor para as almas penitentes e servidor de doentes em grandes distâncias” (Depoimento de Frei Estanislau). Seu corpo foi sepultado no cemitério de Porto União, com a presença de aproximadamente duas mil pessoas.

Nosso fundador foi um ardoroso missionário, tanto que, após um ano de adaptação no Brasil já fez parte de um grupo de missionários que realizou a primeira tentativa de evangelizar indígenas no interior de Pernambuco.

Nas primeiras décadas do século passado, a vida dos missionários era muito sacrificada, pois nosso país era majoritariamente agrícola, com uma infraestrutura de serviços básicos à população, muito primitivos.

No final dos anos 80 Irmã Anita David conversou pessoalmente com algumas pessoas de União da Vitória, inclusive com um senhor que na noite do assalto, era um dos meninos que dormia na casa com Frei Polycarpo. Esse senhor, na época também acompanhava Frei Polycarpo em suas desobrigas nas comunidades do interior da paróquia. Ele disse que Frei Polycarpo se deslocava muito precariamente de lancha ao longo do rio Iguaçu e outros rios e depois seguia a cavalo para comunidades muito distantes. Muitas vezes, se não passava fome, comia mal, porque as famílias eram pobres. Era grande amigo do povo, sem distinções, e não media sacrifícios para atender a todos com prontidão. Estimulava os fiéis a participarem da comunhão eucarística. Tinha conversa agradável de amigo e conselheiro. Visitava as famílias. Era muito bom. Na paróquia de União da Vitória era tudo. Dava também catecismo às crianças e preparava os coroinhas. Os meninos gostavam dele e havia os que gostavam de fazer-lhe companhia à noite. Não tinha cozinheira. Muitas vezes servia-se de marmita que os meninos apanhavam em alguma casa e levavam para ele, ou ia em alguma família amiga pedir alguma coisa para o “cachorrinho de São Francisco” comer.

Irmã Colombina Vegini, que trabalhava em Paula Freitas, uma comunidade da paróquia de União da Vitória e que às vezes o visitava, disse que ele tinha um fogão pequeno, elétrico,

com uma só boca. À noite cozinhava uma sopa de pão, leite e açúcar, ou sopa de ervilhas. Quando as irmãs o visitavam, tomavam refeição com ele.

O ex-coroinha contou também, que certa vez Frei Polycarpo ia a Cruz Machado. Deu-lhe uma grande sede e entrou numa casa para pedir água. Encontrou a dona da casa em prantos, porque uma filha, de vida irregular, estava às portas da morte e pedia um padre. “Onde queres que eu vá, agora, procurar um padre, minha filha?”, disse-lhe a mãe. Foi quando Frei Polycarpo chegou, pedindo água. Só Deus o teria inspirado e, assim pode atender a moça. “Milagre”, diz o povo!

Era muito pobrezinho. Andava sempre de guarda-chuva e com a roupa muito surrada. Disse o alfaiate de Porto União, o Sr. João Scholarewsz: “Conheci muitos padres, mas não conheci outro igual, como pessoa e como padre. Certa vez veio à alfaiataria, olhou diversos panos que poderiam servir para o hábito e disse: ‘pois é, filho, meu hábito está se desmanchando, mas eu preciso ir a Curitiba buscar um, porque não tenho dinheiro para pagar. Então eu o Sr. Alfredo Stalschmidt, doamos-lhe um hábito e ele ficou muito contente. Seu quarto na casa canônica era muito úmido. Nele só havia a cama e mais nada”.

E, continua o ex-coroinha: “Tinha a dentadura frouxa e mal feita. Quando comia a tirava da boca e a ocultava sob o prato. Levava uma vida miserável, paupérrima. Era muito modesto. Não falava da congregação que havia fundado. Somente depois de sua morte o povo de União da Vitória soube. Para mim, Frei Polycarpo é a imagem de São Francisco”.

Dona Amália de 97 anos, disse: “Toda vez que passo mal (era cardíaca), Frei Polycarpo aparece a meu filho Airton, avisando que passo mal. Airton disse-me que vê o Frei de batina, como ele era quando vivo. (Airton tinha dois anos quando Frei Polycarpo morreu e ele gostava muito do menino).

Frei Polycarpo previu sua morte; na reunião das zeladoras do Apostolado da Oração, na primeira sexta-feira de agosto, disse que iria derramar seu sangue pela paróquia.

Os fiéis admiradores de Frei Polycarpo iam todos os anos fazer ou cumprir promessas no cemitério, diante de seu túmulo, mas agora não o acharam mais. Sentiram muito esta falta e foram reclamar com o pároco de União da Vitória. Atualmente ainda muitas pessoas rezam pedindo graças a Deus, por intercessão de Frei Polycarpo” (Dona Amália).

O povo de União da Vitória não sabia que seus restos mortais foram exumados no dia 23 de setembro de 1982 e transferidos para o jazigo da Congregação, no cemitério municipal de Rodeio – SC. Os documentos legais encontram-se no arquivo histórico da congregação em Joinville. No final do relatório da exumação, consta:

“Com este ato, ao transferirem para um jazigo próprio, no cemitério público da cidade de Rodeio, as Irmãs Catequistas Franciscanas quiseram venerar e dar o primeiro lugar àquele que, em nome do Espírito Santo, em 1915, havia convocado as três primeiras e, por muitos anos, a todas havia orientado com sua sabedoria e estimulado e encorajado com sua palavra”. (VALANDRO, Ede Maria; Relatório da exumação dos restos mortais de Frei Polycarpo Schuhen, em Porto União – SC, aos 30.09.1982).

*Fonte de pesquisa: Arquivo da Sede Geral.*

#### **Para conversar:**

1. O que admiramos na vida de Frei Polycarpo?
2. Que aspectos da vida de Frei Polycarpo se relacionam com o nosso carisma?

Irmã Anita David  
anitadavid04@yahoo.com.br